

Amor ao próximo

Miguel Vale de Almeida

“Querido próximo, não te amo. Também não te odeio. E, no entanto, não me és indiferente. Temos obviamente um problema lógico a resolver. Vou tentar fazê-lo.

O problema começa logo na designação. Quando me ensinaram que deveria amar o próximo percebi que se referiam a pessoas distantes. Tu não eras nem o familiar, nem o amigo, nem o amante. Eras alguém distante ainda que visível, a pessoa que passa na rua, a que vive no andar de baixo, a empregada, um colega de escola entrevisto apenas nos intervalos. Deviam ter-me dito “ama o distante como a ti mesmo” e a coisa logo teria feito mais sentido. Portanto: começámos mal.

Não te amo porque não te conheço. Mesmo que te veja, mesmo que os nossos braços rocem no metro, mesmo que te cheire (às vezes não há como evitá-lo). És um qualquer, uma qualquer, e um qualquer próximo é o mesmo que outro próximo e todos os próximos se aproximam na sua distância. Não te amo porque não posso amar abstrações e não quero ser como aquelas pessoas que amam a humanidade ou o povo ou a nação mas não amam ninguém em concreto. Às vezes até estão dispostas a fazer mal às pessoas concretas em nome das Pessoas abstratas.

Mas não te odeio, lá está. Não posso odiar o que não conheço. Posso não gostar do cheiro do teu perfume no autocarro e posso até sentir aversão ao teu teatro de cigana romena no chão em frente à pastelaria, mas isso não me faz odiar-te. A não ser que fosse como aquelas pessoas que odeiam, em pacote, os pretos, as mulheres, as bichas, os brasileiros – e odeiam-nos tanto mais quanto eles deixam de ser distantes e se aproximam. Perigosamente próximos. (Felizmente nunca me ensinaram, junto com o “ama o teu próximo” um “odeia o teu distante”. E daí não sei.)

E no entanto, como dizia, e no entanto não me és indiferente. Eu vejo-te, eu oiço-te, eu cheiro-te, às vezes até te sinto. Outra vez: na rua, no metro, no prédio, mas também nas notícias, sobretudo as más, tu apareces-me como coisa concreta, ou pelo menos eu vejo-te como coisa concreta, e não como abstração. E há ali um momento em que há uma parte de mim que vai até ti, ou uma parte de ti que vem até mim, e tudo muda – acho até que há nome para isso, compaixão, empatia, sei lá. Não me és indiferente. Percebo que andas ao mesmo que eu.

É claro que, se as coisas estiverem a correr bem, isto é, se as notícias não forem muito más, se eu vir mais sorrisos no metro, se os cheiros forem mais suaves, se não me bateres muito à porta, aí eu sinto que qualquer coisa anda bem no mundo dos próximos – ou dos distantes, já nem sei. Mas depois vem a tal de crise e tu tornas-te real demais. A tal de crise que não é crise coisa nenhuma mas uma espécie de revolução feita por pessoas para quem o próximo é uma abstração, o próximo é um distante, o próximo é uma realidade chata que estraga as teorias e não deixa o mundo ser como aquelas pessoas desejam. É então que a gente percebe que quando vivemos em comunidade redistribuímos consoante a nossa riqueza para que os próximos – ou os distantes? – possam viver como gente digna de ser amada. É então que a gente percebe que a tal de crise – ou a tal de revolução – é feita por quem acha que tu és um chato, um aproveita, que

andas à boleia dos outros, que és preguiçoso, que és um falhado. E tiram-te tudo: tudo o que nos aproximaria, tudo o que nos tornaria menos distantes. E ao tirarem-te tudo tiram-me a mim tudo também.

Querido próximo, tu não és a filha que eu amo incondicionalmente. Tu não és o melhor amigo de longa data que trato como irmão. Tu não és o homem que amei ou amo e que me amou ou ama. Não precisas de gostar de mim ou da vida que levo, nem eu preciso de gostar de ti ou da vida que levas. Mas é precisamente por isso que és maravilhoso: és o próximo potencial e a prova viva de que só amo a minha filha porque algum próximo também ama a sua, que só tenho um amigo que é irmão porque alguém tem um amigo que é irmão, que só amo alguém porque alguém ama alguém também.

Querido próximo, somos como aquelas coisas, os rizomas: lá muito longe, na outra ponta do campo, pareces um indivíduo, por comparação comigo, que indivíduo pareço nesta ponta de cá. Mas por baixo estamos unidos, na mesma raiz.”